

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 12

SUMMARIO

ARCHITECTURA : *Novo projecto para a conclusão do real palacio da Ajuda* (Estampa n.º 18), pelo architecto J. Possidonio N. da Silva, pag. 177. — *Os Dolmens*, pelo socio Sá Villela, pag. 180. — *A architectura indiana Khmer*, pelo socio visconde de S. Januario, pag. 183. — EPIGRAPHIA : *Inscrições romanas de Leiria*, pelo socio correspondente Victorino da Silva Araujo, pag. 185. — CONSTRUÇÃO : *A cal*, pelo socio Francisco José d'Almeida, pag. 191. — *Noticia dos architectos antigos e modernos de maior nomeada*, pelo socio J. da Silva, pag. 192. — *Tradução da inscripção arabe descoberta em Mertola*, pelo socio correspondente D. Rodrigo Amador de los Rios, pag. 192. — CHRONICA, pelo socio J. da Silva : *Medalha conferida a esta Real Associação na Exposição Universal de Philadelphia*, pag. 193. — *Elogio a esta Real Associação* pelo jornal hespanhol *La Epoca*, por ter premiado os socios que haviam prestado serviços na architectura e archeologia, pag. 193. — *O uso de luvas pelos operarios em eras remotas*, pag. 194. — *Opinião do archeologo romano o conde de Conestabile*, a respeito da urna achada na Necropole de Alcacer do Sal, pag. 194. — *A Revista Bibliographica Universal de Paris* faz menção da publicação do nosso Boletim, pag. 194. — *A assembléa geral d'esta Real Associação* votou uma medalha de prata para ser conferida ao distincto socio o conselheiro João Maria Feijó, pela sua notavel memoria sobre as abobodas ogivaeas, pag. 194. — *Noticia sobre os mais altos monumentos*, pag. 194. — *Novo systema da collocação dos pára-raios*, estabelecidos pelo architecto russo o sr. Solzloff, pag. 194. — *Projecto para se ventilem as cidades com o ar puro das florestas*, pag. 194. — *Indice dos 12 numeros do 1.º tomo d'esta 2.ª serie*, pag. 195.

NOVO PROJECTO

PARA A CONCLUSÃO DO

REAL PALACIO DA AJUDA

E A EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

Não se ignora o motivo por que El-Rei D. José escolheu o alto d'Ajuda para habitação, depois do terrivel terremoto de 1755. Tendo ali mandado construir um barracão provisorio de madeira, não só por ficarem destruidos os magnificos paços da Ribeira, edificação de El-Rei D. Manuel, mas tambem pela urgencia de dar abrigo á familia real, e até para ficar menos exposto (se porventura se repetisse outra catastrophe), que no palacio desmoronado: mas sendo esta indecorosa habitação devorada pelas chammas, em 1795, as pessoas reaes foram obrigadas a procurar nova residencia no palacio de Queluz.

A rainha D. Maria I determinou reedificar o palacio incendiado, dando-lhe solidez e aspecto nobre.

Foi então incumbido o architecto José da Costa e Silva, que havia estudado na Italia ¹, de traçar o plano

¹ Veja-se o Elogio historico d'este architecto no n.º 1 da 1.ª serie do jornal d'esta associação, pag. 9, 1865.

do edificio; porém o architecto estrangeiro Fabri, muito protegido pelo genro do marquez de Ponte de Lima, então inspector das obras publicas, conseguiu apresentar outro projecto ², que no principio foi rejeitado, mas depois *preferido*. Manuel Caetano de Sousa exigiu, na qualidade de architecto das obras reaes, que lhe fosse dada a execução da obra, como lhe competia pelo logar que exercia, representando que, como pratico dos usos do paço, sabia melhor que qualquer outro architecto a disposição conveniente das salas, apontando as que eram da etiqueta haver, e faltavam no risco approved. Estas razões fizeram com que elle fosse encarregado da execução da obra, sendo tambem *auctorizado a fazer as alterações que julgasse necessarias*. Porém o protegido estrangeiro tanto trabalhou que o distincto architecto caiu no desgastro, e para cohnestar a preferencia dada ao forasteiro, foi chamado

² Ha uma anecdota assaz curiosa. Consta que o provedor das obras encarregado de apresentar o plano a El-Rei D. José para este famoso palacio, achando-se bastante embaraçado em encontrar um artista a altura de tão abalisada composição, e lamentando-se ao seu cabelleireiro, na occasião de o servir, este lhe disséra que elle se offercia para compôr o risco: — *Você é capaz de delinear esse plano?* — Porque não! se eu aprendi na minha terra a desenhar. — *Pois bem, vamos a ver o que sabes fazer.*

José da Costa para com Fabri dirigirem a obra conjunctamente, e assim praticaram até que José da Costa e Silva, em 1812, foi mandado para o Rio de Janeiro, e a direcção geral dos trabalhos ficou sómente a cargo de Fabri: portanto não foi o merecimento nem a prerrogativa de quem competia a execução das obras reaes, que militou na escolha do artista, porém o patronato injusto e a desconsideração para o architecto nacional. Se o grandioso projecto delineado pelo architecto José da Costa e ampliado por Manuel Caetano de Sousa, se tivesse realisado no plano combinado, seria certamente o edificio de Lisboa do seculo XIX mais magestoso e colossal¹: e para se fazer idéa da sua vastidão, bastará mencionar os aposentos de que se compunha, os quaes constavam da seguinte distribuição:

PLANO TERREO

3 vestibulos principaes; 2 idem de serviço particular; 2 idem do lado do norte.

4 grandiosas escadas principaes; 26 idem de serviço; 2 idem particulares para as pessoas reaes.

13 secretarias de estado.

2 gabinetes de despacho.

12 aposentos para os infantes.

2 salas pertencentes aos ditos.

2 varandas que deviam dar passagem para o jardim.

10 serventias geraes.

6 casas para mantieiria.

2 entradas para as cozinhas.

3 cozinhas e suas dependencias com 32 janellas.

PLANO NOBRE

1 grande sala para archiveiros.

6 vastas galerias que communicavam com todos os aposentos.

2 grandes salas para a tocha e conselho.

8 salas para docel e para ceremonias.

1 idem para audiencia.

1 gabinete de cardeaes.

4 oratorios; 5 sacristias.

4 salões para funcções publicas.

1 idem de embaixadores.

4 idem para funeraes reaes.

4 quartos para confessores.

8 idem e salas para habitação do rei.

10 casas para guarda-roupas.

8 quartos e salas para habitação da rainha.

6 idem, idem, para habitação do principe real.

11 idem, idem, para os infantes.

1 salão central.

1 capella para a familia.

11 quartos para camaristas e damas.

12 idem para medico-cirurgião, particulares, porteiro da canna, reposteiros, etc.

¹ Veja-se a estampa n.º 1 da citada publicação, pertencente ao plano geral d'este edificio.

2 grandes pateos, tendo cada um a superficie de 1:271 metros quadrados.

544 janellas, pertencentes sómente ás frentes externas; 58 arcadas; 620 portas; 24 pateos internos.

O estylo foi seguindo os modelos da architectura italiana, e as suas fachadas foram inspiradas nas composições do celebre architecto Palladio, menos a sabia combinação das Ordens de architectura, de que se servia aquelle insigne artista, porque em lugar de ficar mesquinho o aspecto do actual edificio, pelo contrario lhe augmentaria a nobreza, sobresaindo então as agradaveis proporções das fachadas; não obstante a grandeza do *modulo*, afim de dar importancia á decoraçào, sem lhe destruir o effeito optico. É o que se nota na parte edificada, examinando-se sobretudo a fachada do lado do sul, a qual seria a principal por ter a frente sobre o Tejo, pois tendo-se-lhe subdividido essa frontaria com pilastras, entre as janellas em todos os tres andares, e a saliencia d'ellas repetida tambem na parte rustica da base do terraço, além de *ficar já retalhada a fachada em toda a sua altura por linhas perpendiculares das pilastras*, que lhe ficavam sobrepostas; muito embora fosse com o intuito, de dar maior riqueza á decoraçào, comtudo veio destruir á vista a grandeza da extensão d'este corpo edificado, quando devia apresentar, se se tivesse supprimido os resaltos das pilastras do apparelho rustico, e em lugar de empregar duas ordens de architectura em que se dividem os andares, fosse disposta uma só que abrangesse a totalidade d'elles, como costumava pôr em execução Palladio, e representaria então todo o aspecto grandioso da decoraçào.

Por morte de Fabri foi nomeado Antonio Francisco Rosa, architecto das obras do palacio d'Ajuda, o qual fizera os seus estudos na casa do risco estabelecida n'esse edificio; continuando-se os trabalhos conforme o primitivo plano. Porém, na regencia da Sr.^a Infanta D. Isabel Maria, foi este architecto encarregado de lhe apresentar um projecto para limitar a construcção, sómente á terça parte da sua extensão, afim de se evitar o dispendio de avultadissimas quantias para a sua completa conclusão; pois que só as quatro escadas para a parte central da entrada principal d'este edificio, estavam orçadas, com a soberba abobada espherica, em um milhão de cruzados!

O architecto limitou-se em delinear na extremidade do terraço da parte construida outros dois torreões eguaes aos dos angulos já executados, não attendendo a que tendo sido elles projectados para uma fachada com a triplicada extensão, ficariam desproporcionados para o limitado aspecto a que ficaria reduzido, e que o centro da fachada principal, conforme estava edificada, para sómente indicar a parte central das azas lateraes do edificio, não corresponderia á magestade d'essa frente, nem á colossal construcção dos torreões que a flanqueariam.

Durante a regencia do Sr. Infante D. Miguel foi en-

carregado da continuação das obras o engenheiro Raposo, o qual, querendo mostrar a maior actividade áquelles trabalhos, mandou assentar a cantaria preparada sob a direcção do architecto Rosa pertencente á fachada interna longitudinal do pátio do lado do norte, a qual foi collocada com tanta precipitação, que não lhe deram a necessaria solidez, e que pelo encontro das grandes asnas do madeiramento e pelo peso do elevado telhado, dera bastante de si, saindo da prumada, a ponto de ter a commissão dos architectos nomeada em 1863 para elaborar novo projecto para a conclusão das obras ¹, de a condemnar para ser apeada.

São grandes os defeitos em todos os ramos das bellas artes que se notam n'aquella edificação, embora haja ali trabalhos de merecimento, sendo digna de elogio a execução do lavrado na cantaria. Esses defeitos são de tal ordem, que o ultimo provedor das obras o marquez de Borba, nos dizia, que se envergonhava de conceder licença quando algum estrangeiro lhe pedia para ver os trabalhos; todavia as grandes obras dos edificios monumentaes servem de escola para bons operarios, como succedeu em Mafra e depois no convento novo da Estrella, onde a pratica foi muito longa e muito util para o progresso e aperfeiçoamento dos diversos officios.

Em 1834, o imperador o Sr. D. Pedro IV, nos encarregou de delinear o novo projecto para a conclusão do palacio da Ajuda, ficando limitado igualmente ao terço que se havia construido, dizendo-nos, que devia contar sómente com um conto de réis por semana, pois que o governo não podia dar os tres contos que d'antes ali se gastavam ².

Ninguém da profissão desconhecerá qual é a grande difficuldade de se alterar qualquer projecto, tendo sido composto com determinada applicação, calculadas as suas partes para produzirem um conjuncto harmonioso e segundo os preceitos artisticos.

A primeira cousa em que nos applicámos, foi em achar o meio conveniente de disfarçar a diminuição da fachada do edificio, cuja prova apparecia patente na excessiva saliencia dos torreões, devendo-se construir outros dois para o remate dos angulos oppostos. Não hesitámos em lançar mão de um bello exemplo, posto que não fosse ideado para vencer uma extraordinaria difficuldade, mas sim a producção espontanea de um arrojado talento, dotando Perrault a França com a fachada de um monumento unica no seu genero, não obstante a fundada critica de ter dividido ao meio o peristilo, collocando-lhe um corpo central; o que evitámos para não destruir a belleza da magestosa dis-

posição da galeria, tendo indicado no piso superior a parte central d'essa fachada. Delineámos pois, sobre o terraço construido, pertencente ao planeo terreo do palacio, que para o lado sul representa primeiro andar, uma columnata, ficando dispostas duas columnas a par entre os entrecolumnios; as quaes collocadas no destrucimento da saliencia dos torreões, encobririam o seu grande resalto, e até pareceria terem sido necessarios para a formação da galeria que dispozeramos; tendo ainda a vantagem de diminuir a excessiva temperatura que se experimenta no verão nos actuaes aposentos habitados por Suas Magestades; sem contudo privar os da bellissima vista que se goza sobre o Tejo.

As columnas dispostas d'este modo tinham ainda outro motivo para lhe darmos a preferencia, pois não sómente dariam mais magestosa decoração, contribuindo igualmente a destruir as apparentes linhas prolongadas das perpendiculares das Ordens das pilastras, que já fizemos notar, que diminuiam tanto a grandeza e nobre apparencia d'esta fachada. Para fazer o accôrdo dos eixos das mesmas pilastras com o corpo inferior, sobre o qual parece firmarem-se, collocamos estatuas sobre os acroterios do novo terraço superior á columnata, como se vê na estampa.

Era de preceito dispôr outro corpo central á referida fachada, e que estivesse em harmonia com a nova decoração, pois a que já estava edificada, não satisfazia por modo algum, como notámos: portanto delineámos uma *Loggia* sobre a prumada central da galeria, ornada de columnas dispostas pelo mesmo modo, da Ordem Jonica, e sobre o seu entablamento dispozemos um frontão ornamentado; tendo ainda a commodidade de possuir o andar nobre uma ostentosa varanda propria de palacio real: fazendo esta disposição accentuar ainda mais o character da preferida architectura, como mostra a estampa n.º 18. Este projecto mereceu approvação de S. M. o Imperador Duque de Bragança; assim como, depois, do principe Augusto de Leuchtenberg, primeiro esposo de S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria II.

Deixaremos aos entendidos apreciarem como merecer este nosso projecto, do qual se aproveitou, em parte, a referida commissão nomeada pelo governo em 1863, para lhe apresentar novos riscos, afim de se ultimar o edificio, projecto que foi entregue em tempo, e pelo qual a commissão recebeu louvores do governo ¹: devemos dizer que causa grande reparo nos estrangeiros, quando entram no nosso porto, ver que se possa deixar n'aquelle vergonhoso estado de ruina, do lado do poente, o palacio que serve de morada ao chefe supremo da nação!

O architecto — J. P. N. DA SILVA.

¹ Era composta do conselheiro Filipe Folque, presidente; o engenheiro Joaquim Julio de Carvalho, secretario; e dos architectos José da Costa Sequeira, Valentim Joté Correia e Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

² Desejava o imperador concluido este palacio para servir de habitação á sua augusta filha quando tomasse estado; reservando para si e a imperatriz o palacio das Necessidades.

¹ Publicaremos em outro numero o projecto elaborado por esta commissão.

OS DOLMENS

(Continuado de pag. 164 do n.º 11)

Permitta-se-me um parenthesis, para mencionar ainda as *pedras-gamellas* (pierres-à-bassin), por isso mesmo que não se tem encontrado, ou não tem sido procuradas no territorio portuguez. Estas pedras são muito conhecidas em França. Lá dão-lhes o nome de varios *sanctos* (alguns dos quaes nunca existiram); e tambem lhes chamam pedras-do-diabo, e pedras de Gargantua (o celebre gigante da lenda). Na publicação: *Matériaux pour l'hist. primit. et nat. de l'hom.* v. III pag. 74, descrevem-se assim; «La main de l'homme m'y parait évidente, quand les parois des cavités sont taillées verticalement dans une roche aussi dure que le granit, et que le bassin affecte une forme régulière telle que le rond, l'ovale ou deux-ronds accottés, etc. Je crois pouvoir ajouter que le feu seul a pu entamer une roche aussi dure, et sur plus d'une de ces roches la trace des coups est encore visible».

O Sr. Aymard e outros entendem dever reportar estes monumentos a um culto primitivo. E fossem principal ou accessorio d'esse culto, sabemos que entre as materias brutas do antigo fetichismo, a pedra fez parte do culto do povo ignorante, n'algumas regiões, até muito depois da introdução do christianismo. No nosso paiz mesmo, no Algarve, assim aconteceu, como poderá ver-se das *Memorias Ecclesiasticas*, citando a tal respeito os canones do Synodo Toletano, do anno de 693. O que póde fazer-nos recordar dos grupos de pedras (men-hirs¹?), aos quaes segundo Strabão (L. III), os turdulos faziam libações, sobre o promontorio sacro.

Tambem ha quem supponha os dolmens como podendo designar o itinerario d'um povo nomada, que na sua passagem os levantaria pelas estações em que demorava. Quasi como seculos depois praticaram os islandezes, os normandos, e talvez outros: do que nós tambem poderemos dar testemunho (segundo Damião de Goes, escriptor de toda a fé, e que n'este ponto devia estar bem informado), com a memoria escultural e epigraphica, encontrada n'uma das ilhas dos Açores². E similhantemente praticámos, nos fins do se-

¹ Os men-hirs foram talvez imitados pelos gregos nos seus Kermes, e mais tarde pelos romanos nos seus Terminus; figurando uma cabeça na parte superior d'essas pedras.

² Não posso resistir ao desejo de recordar, que certas opiniões apresentadas pelos eruditos, nos recentes congressos dos americanistas, fructo certamente de grandes estudos, já haviam sido emitidas ha 320 annos, ou mais, pelo judicioso Damião de Goes, quando escreveu (Chron. do P. D. João, pag. 38, edic. de 1724): «Nem deixarei de dizer ácerca d'esta antigualha, a opinião que d'isso tenho, a qual é que esta gente que veio ter a esta ilha, e n'ella deixou esta memoria, poderia ser da Noruega, Gothia, Suecia ou Islandia; porque nos tempos passados, e muito antes que os habitantes d'estas provincias fossem christãos, havia entre elles muitos cossarios... e todas estas nações costumavam fazer entalhar e esculpir todos seus feitos, acontecimentos e façanhas, em rochas de pedra-viva, para mór lembrança e perpetuidade dos

culo XIV e principio do XV, pelas costas d'Africa, Asia e America; erigindo padrões de pedra, encimados pela cruz ou pelo brazão nacional, onde aportavam os nossos ousados navegadores.

Mas esse itinerario é controverso, muito incerto, e de mui difficil explicação quando se queiram attribuir os dolmens á migração ou perigrinação d'um povo unico, que d'elles semeasse tantas e tão oppostas partes da terra.

De que raça seria esse povo? De que região sairia elle?

Para alguns archeologos, parece que esse povo seria da raça scythica; proviria, e teria descido do Norte. Encontram-se dolmens desde a Scania, pela Allemanha e França, até á Lybia; ramificando-se pela Mauritania, peninsula Iberica, Inglaterra e outras ilhas, e pela Cirméa, Asia-menor, India, etc.¹

Seria então esse povo alguma klann protoscytha; gente alta, de cabelo loiro e olhos azues (truces et cærulei oculi, rutilæ comæ, magna corpore²); os gigantes da tradição? Gente de cuja raça tambem se dá noticia pela Africa, muitos seculos antes da invasão dos vandalos³?

Creio que o Sr. de Bonstetten⁴, foi o primeiro que enunciou esta idéa da proveniencia d'um povo megalitha do Norte, que veio a esvaecer-se pelas costas do Mediterraneo. Não eram então bem conhecidos dos sabios os milhares de dolmens da Africa (ainda que o Sr. Faidherbe seguiu depois a mesma opinião); nem eram tambem sabidos, como ainda hoje não são pela maioria dos archeologos, os centenaes de dolmens do pequeno territorio do nosso Portugal.

Pela minha parte, talvez já estive propenso a acceitar esta migração d'um povo unico, e do Norte, dado á construcção dos monumentos megalithicos. Hoje duvido muito; e quanto mais estudo este assumpto, maiores hesitações sinto. Não é d'estranyar que isto me succeda, na minha pouca lição, quando a perplexidade é a *ordem do dia* entre os sabios, nos estudos da ar-

casos que lhes aconteciam, como n'aquellas provincias todas hoje se vê, e acham em muitas partes d'ellas imagens e historias, entalhadas, abertas, esculpidas e escriptas em rochedos, e outras pedras altas, e de maravilhosa grandeza... Ora, que dizem hoje de mais os archeologos, ácerca das inscrições runicas do Norte; e das inscrições lapidares da America septentrional?

¹ As palafittas estão a este respeito, por assim dizer, no caso dos dolmens. Tem-se descoberto estações lacustres não só na Suissa e na Italia, mas tambem nos Pyreneus, pela Allemanha e Hungria, na Nova-Guiné, etc.

² Tacito: *De Morib. German.*

³ Sem que viesse do Norte e directamente para Africa, gente d'esta, além d'outras origens, poderia tambem proceder de cruzamentos da raça semitica. O Genesis descreve Esaú: *homem veludo de cabelo loiro*. Labão, cujo nome quer dizer *branco*, bem poderia ter sido assim chamado pela alyura da sua pelle. São sabidas as alianças entre as familias semitica e japetica, e com as kushitas. Moysés tomou para si uma mulher ethiope (*Numer.* Provavelmente *branca*, da Ethiopia-Pontica). Tenho visto invocar o atavismo, para sahir de maiores difficuldades: e a dispersão da familia semitica pela Africa, é cousa de todos os lidos sabida.

⁴ *Essai sur les dolmens.* Genève, 1865.

cheologia pre-historica. E não só os doutos se contradizem uns aos outros; elles proprios estão successivamente modificando as suas opiniões. Os estudos d'hoje, põem em duvida os estudos de hontem: os de amanhã é provavel que alterem uns e outros. Quem ler as actas dos congressos dos archeologos, anthropologos, orientalistas e americanistas, reconhecerá n'essas discussões interessantes a contradicção e a hesitação dos sabedores, em assumptos tão difficeis. Descobrir taes contradicções, e ter coragem para censural-as, é facil; o que ha de ser difficil todavia por muito tempo é a descriminação de conjecturas acceitaveis, deduzidas dos estudos improbos a que os homens competentes se estão dando.

Mas, além de que os dolmens não poderiam entrar nos costumes dos scythas, taes como extensamente os descreve Herodoto (*Melpomene*); particularmente na parte que se refere ao enterramento dos seus reis; nem nos costumes dos germanos, segundo d'elles escreveram Cesar e Tacito¹: O Sr. Virchow está persuadido de que não existiram monumentos megalithicos além da margem direita do Oder. Nem na Pomerania. Ha apenas os *steingræbers*, muito differentes dos dolmens, e como que formando a transição lenta para os *tumuli* do periodo do bronze².

O Sr. Torell pensa que na Suecia nunca existiu a primeira idade da pedra (paleolithica).³

O Sr. Worsaae, acredita na probabilidade de não ter sido habitada a Dinamarca, senão muito depois da Europa occidental⁴.

O Sr. Kurch entende que a idade da pedra (neolithica?) viera fenecer á Suecia, onde só está representada na parte do Sul: e é d'opinião que os homens que povoaram a Dinamarca, vieram do Oeste para Leste; e continuaram a sua marcha do Sul para o Norte⁵.

Por brevidade, não farei mais citações.

Deixando, pois, esta corrente megalithica do norte para o sul, e abandonando a raça scythica ou protoscytha, teriamos de procurar outra corrente, em sentido opposto, d'algun povo d'outra raça, que maior uso fizesse

dos monumentos megalithicos. Seria este povo da familia semitica?

Já n'este anno (1876) se publicou um estudo muito interessante: *Les temps mythologiques*, que, desenvolvendo algumas opiniões d'outros estudos do mesmo auctor: *Ethnogénie Caucasienne* (1861), e *l'Océan des anciens et les peuples pré-historiques* (1873), resume assim a synthese das suas indagações: «O Palus-Mæotis viria a ser, pois, esse paiz mysterioso onde começaram os phenicios, os hebreus, os parses e os gregos; e onde os avós dos celtas kimris, scandinavos e solavos, aprenderam as primeiras noções sociaes e religiosas... dos egypcios (a mais antiga sociedade conhecida).» N'esta aggregação de gentes, começaria, segundo este escriptor, um cruzamento das principaes raças que se conhecem; e mais tarde irradiaria a emigração de differentes tribus, para diversos pontos do globo: as scythicas e geticas, por exemplo, divagariam para as partes do Atlantico e do Baltico... as semiticas, para as do Oeste, etc.

Ora, no Velho-Testamento poderemos achar as mais seguras provas de que os utensilios de pedra, e os monumentos megalithicos, ainda eram usados pelos hebreus, muito posteriormente á idade archeologica a que são attribuidos: provas que na verdade me parecem representar um antigo uso bem radicado entre a raça semitica.

A circumcisão foi instituida, para ser feita com facas de pedra. E muito depois, verificada a saída do Egypto (Exodo), ainda foi ratificada nas mesmas condições.

No Genesis (cap. 28) lê-se: «E levantou-se Jacob... e tomou a pedra... e alçou-a em padrão... e esta pedra, disse elle, será a *casa de Deus*. No cap. 31 diz o Senhor a Jacob: «Eu sou o Deus de Bethel, onde tu *ungiste* um marco de pedra, e me votaste um voto». E adiante (n.º 44) diz Jacob a Labão: «Façamos um accordo... E erigi uma pedra em padrão... E (seus irmãos) trouxeram pedras, fizeram d'ellas monte, e comeram sobre ellas... Este monte de pedras (disse Labão) seja testemunha entre mim e ti». No cap. 35 lê-se: «E levantou Jacob um padrão no lugar onde falou com Deus... e *libou sobre esta pedra, e derramou-lhe azeite*». E mais adiante (v. 20) «Erigiu Jacob um marco (cippo?) sobre a sepultura de Rachel».

No Exodo (cap. 20) determina o Senhor a Moysés, que o *altar de pedra* (dolmen?) que lhe construir, não seja de pedra lavrada, para que o ferro o não profanê com os seus artificios. Preceito que se repetê no cap. 27 do Deuter. v. 5 e 6: «Edificareis ahi um altar ao Senhor vosso Deus, altar de pedra, que não será tocado pelo ferro... *de pedras inteiras... E offerecereis sobre elle holocaustos ao Senhor*».

No Livro de Josué (cap. 4) lê-se, que por ordem do Senhor mandou Josué levantar um monumento de *doze pedras* (men-hir?) *em memoria da passagem do Jordão*. «Quando vossos filhos (disse Josué aos hebreus) perguntarem a seus paes; que querem dizer es-

¹ Se se provasse que a America do Norte, onde não existem dolmens, fôra povoada pela raça scythica, seria uma circumstancia para confirmar, que taes monumentos não pertencem a essa raça. Não sei, porém, se chegará a provar-se. A idéa não é nova: foi ha muito suscitada pela similhança de costumes, que se notou entre os chamados selvagens da America e os barbaros invasores do imperio romano. O que talvez seja novo é a opinião de que esses barbaros podiam ter sido os proprios selvagens, vindos da America (V. *Congrès international des Américanistes*, vol. II, pag. 263 e seg.)

² *Congr. internat. d'Anthrop. et d'Arch. preh.* Stockolmo, 1874. O sr. Lubbock (*L'hom. preh.* trad. franc.) diz que os *steinbergers* eram comoros de pedras, que se faziam para servirem de suporte ás estacas das habitações lacustres. N'um estudo nenhuma circumstancia se deve desprezar, porque todas contribuem para podermos formar raciocinios.

³ Memor. dirigida ao Congr. d'Ant. e d'Arch. preh. de Stockolmo.

⁴ *Congrès* ib.

⁵ *Revue scientifique* (Outubro, 1874).

tas pedras? ensinareis a vossos filhos, que Israel passou a pé-enchuto o Jordão... para que todos os povos da terra reconheçam poderosa a mão do Senhor». E no cap. 24 conta-se como Josué, estando para morrer, fallou ás tribus, e mandou erigir uma grande pedra (megalitho) «debaixo do carvalho que está no sanctuario do Senhor» como *monumento testemunhal*, ou memoria da promessa que o povo acabava de fazer-lhe, de permanecer fiel aos preceitos do Senhor ¹.

O Sr. Bonstetten attribue á fome, a perigração das tribus constructoras de dolmens, obrigadas a demandar as margens dos mares e dos rios onde estacionarem. Mas como parece provado, que a construção de taes monumentos exigiria dos seus constructores longa permanencia nos sitios em que os levantavam, o Sr. Bonstetten lembra a natural dispersão de fracções d'essas tribus, em busca de recursos, á proporção que lhes augmentasse a gente: o que tornaria desnecessaria uma emigração completa de toda a tribu.

Tambem o Genesis poderia corroborar esta supposição. Abrahão, Jacob, e outros semitas, andaram sempre em perigrações com as suas familias, servos e rebanhos. Os pastores de Loth contenderam com os de Abrahão, *pela terra os não poder supportar juntos*. E d'Esau claramente se diz, que saíra de Chanaan porque os seus bens tinham crescido muito, e a terra, já não podia alli comportar a sustentação dos seus gados. Deixarei outras referencias.

O Sr. Maury ² attribue aos getulas a construção dos monumentos megalithicos, encontrados pela Algeria. Ora os getulas são oriundos da raça semitica.

O Sr. Tovino, conhecido archeologo hespanhol, n'um discurso pronunciado no Congresso d'Anthropologia e d'Archeologia pre-historica de Copenhague (1869), fallando da sua Andaluzia, entendeu poder arriscar a hypothese de que o povo dos dolmens viera d'Africa pelo estreito de Gibraltar, demorára pelo littoral da peninsula Iberica, e d'ahi entrara em França.

O Sr. Schaafhausen disse no mesmo congresso: «Para que se quer separar por seculos os kjökkenmodings, os monumentos megalithicos, as habitações lacustres, os instrumentos da pedra e do bronze? Tudo isso foi contemporaneo: *póde ser que das primeiras colonias phenicias das margens do Mediterraneo* ³».

O Sr. de Maule, por certas rasões que deesnvolve n'um opusculo: *Nouveaux documents archéologiques* (1874), e as quaes, de passagem direi, me parecem menos concludentes do que as razões que vou accumulando, é d'opinião que foram os chaldeus os constructores dos dolmens.

Mas, se effectivamente quizermos attribuir os dol-

mens a tribus nomadas da raça semitica, não deveremos esquecer certos homens, ainda hoje notados e notaveis quasi em toda a parte da terra, tidos pelos mais vagabundos de todos os homens, que se chamam roms, e aos quaes denominâmos philisteus, gypsies, bohemiens, zingari, ou ciganos; que nos lêem a *buena-dicha* (costume da eschola ethyope das Circes e Medeas); que tem habitos peculiares, que ninguem tem podido definir, nem bem estudar; e que ainda dormem aos bandos pelas devezas e serras da nossa peninsula.

Tambem poderia arriscar-se a coincidencia d'uma emigração asiatico-africana, pelo littoral do Sudoeste da Europa, com a irrupção dos pelagios no archipelago grego, e no Peloponeso; e com a dos etruscos pela Italia. Não ha o quer que seja d'extraordinario, de mui aproximada natureza, entre os monumentos megalithicos e as construcções cyclopedenses? Entre os dolmens, e os sarcophagos etruscos?

Finalmente, se houve com effeito um fluxo e refluxo de gentes, em certo ponto do globo, como ha rasões para suppor, fosse ou não esse ponto o Palus-Mæotis; bem poderá conjecturar-se, que n'uma dispersão de tribus, motivada por algum grande cataclysmo, pela fome, ou pelas guerras, varias d'essas tribus levassem consigo, ou imitassem depois, alguns dos usos d'outras tribus, embora de differente raça. E assim se explicaria como em regiões tão afastadas, e entre homens de muitas raças, se encontram os dolmens e outros monumentos megalithicos: os quaes n'esta hypothese, poderiam ter applicação em diversos propositos; e designariam apenas modificações d'uma certa civilisação, e não a mesma civilisação em toda a parte em que se encontram ¹.

O que é possivel é que os dolmens de Portugal se devam considerar como dos mais antigos, que se construíram. Estes monumentos parece progredirem em grandeza e artificio, conforme se vão distanciando d'aqui para o centro da Europa, e na direcção do Norte ².

¹ O dr. Kooper, citado pelo Sr. Lubbock (*L'homme pré-historique*), diz que os dolmens ainda hoje são construidos pelos kassials, na região do Hymalaia. Ora os kassials são da raça aryana. Os romanos marcavam com cippos as suas sepulturas; e levantavam cairns, com certo pensamento commemorativo, ou proposito de phanal. Na meia-idade tambem os francezes os usaram (*montjoies*). Diz-se que na Islandia ainda hoje se amaldiçoa com a imprecação: «Um cairn te seja a cama!» Quem sabe se o apledrejar criminosos, proviria d'este uso? As pedras-oscilantes (naturaes ou não) tiveram applicação n'alguns casos, desde os druidas até á meia-idade. As *pedras-de-eskorregar* (dolmen só d'um lado levantado), diz-se que ainda hoje são aproveitadas pela superstição n'algumas partes; assim como as *pedras-curves* (rochas em que parece haver-se afeiçoado um assento, como cadeira).

² Não se concorda totalmente n'este ponto; mas a maioria das observações parece-me confirmal-o. O sr. Worsaae, presidente do Congresso intern. d'Anthrop. e d'Archeol. preh. de Copenhague, disse em pleno congresso, sem contradicção: «Graças ao estudo da fauna associada aos objectos de pedra, póde reconhecer-se que os mais antigos vestigios do homem, encontram-se pelo Meio-dia da Europa, nas margens do Mediterraneo: e que taes vestigios cada vez se afastam mais dos antigos tempos, quanto mais vão subindo para o Norte.»

¹ Em vista d'estas citações, os que prefiram a origem semitica dos monumentos megalithicos, poderão ainda allegar, que na litteratura vedica nada se encontra, que a respeito d'elles possa referir-se.

² *La Terre et l'Homme*, 1869.

³ *Compte-rendu*, pag. 270.

A loiça achada pelas excavações de muitos dolmens, manifesta certo grau d'aperfeiçoamento ceramico examinada n'aquelle sentido. Mas nas antas de Portugal nem sequer loiça se tem encontrado, coisa aliás tão commum na maior parte dos dolmens d'outros paizes, onde, além da loiça, mais ou menos aperfeiçoada, se tem encontrado tambem objectos d'ouro e de bronze¹, que se julgam, talvez com bom fundamento (quem sabe?), contemporaneos da construcção do dolmen.

Alguns machados (*haches*) de pedra polida; um calhau de quartzite, proprio para afiar instrumentos de pedra; pedras de gume cortante (facas?) descritas pelo P. Simões n'um ms. de 1761, existente na bibliotheca d'Evora, e citado pelo Sr. Pereira da Costa; terra preta, e ás vezes cinzas, como já disse, é tudo quanto até hoje se tem achado pelas nossas antas².

Ainda será conveniente lembrar, que sendo varios os monumentos megalithicos, alguns de fórmias até phantasiosas (como seria o cromlech de Salisbury, segundo o desenho da sua reconstrucção, conforme se vê no t. III dos *Annales de la Soc. acad. d'Arch. de Lyon* (1833) n'uma Memoria do Sr. G. George), no territorio portuguez, pelo contrario, os dolmens são muito mais simples; e raros e grosseiros os outros monumentos megalithicos.

(Continúa.)

SÁ VILLELA.

ARCHITECTURA INDO-CHINA

Se ha muitas pessoas que se dedicam aos negocios publicos e ás luctas partidarias, raras são as que prestam a devida attenção ao desenvolvimento das bellas artes, e até algumas ha que tem por inutil para Portugal o cultivo d'esses estudos; mas a verdade manda que se diga que, em todos os tempos e em todas as nações mais civilisadas, o progresso das artes liberaes foi como o thermometro para marcar o grau da cultura intellectual e das prosperidades publicas. Deve-nos pois causar admiração, posto que ao mesmo tempo alegria profundissima, saber que um distincto diplomatico e illustre militar, durante a sua brilhante carreira e laboriosa administração, não descurou nenhuma occasião

¹ Será mui difficil descriminar a ordem chronologica do descobrimento, ou do uso, dos diversos metaes em toda a parte. É por isso, que eu substituo sempre (para meu uso) a denominação de *idade-dos-metaes*, ás edades a que os archeologos chamam *edades-do-bronze e do ferro*. As edades archeologicas não podem ser (parece-me) senão relativas ás regiões da terra de que tratarmos, sem o menor synchronismo absoluto. Nas guerras de Troia (1:200 a. A. C.) usaram-se armas de bronze, e talvez de ferro; mas só 1:500 a. depois (300 a. D. C.) é que a idade-do-ferro começou na Dinamarca, segundo a opinião do Sr. Worsaae.

² Tambem ha exemplos, n'algumas partes, de se encontrarem *haches*, cinzas, etc. sob grandes pedras, nunca mechidas da sua natural posição pela mão do homem.

de se occupar com esmerado e esclarecido empenho, em investigar nas regiões longinquas da sua patria, em que exerceu funcções as mais elevadas, qual tinha sido o lustre que nas bellas artes os habitantes da Indo-China meridional haviam attingido, dando-se tambem ao estudo comparativo da sua architectura com a de outros povos, que em diversas epocas tinham alcançado merecida celebridade nas construcções de grandiosos e perfeitos monumentos. Dá-nos este extraordinario e util exemplo o sr. Visconde de S. Januario, dignando-se enriquecer a publicação do boletim d'esta Real Associação com uma muito interessante e instructiva noticia a respeito da architectura denominada *Khmer*, com que se acha adornada a antiga cidade de *Angcor*: e tanto mais é para agradecer a este conspicuo socio a sua importante communicacção, descrevendo essa ostentosa decoracção de um estylo pouco conhecido na Europa.

Mais um novo titulo a engrinaldar o seu brazão; e se pelo seu character official mereceu na Asia e nas côrtes da Europa merecida consideracção, muito mais deve ser a nossa ufania por ter entre nós um socio que vem illustrar a nossa nobre arte com trabalho digno de um artista de superior intelligencia e solidos conhecimentos; e que não despreza as bellas artes, como vã e superflua vaidade, mas sim as considera como o mais poderoso testemunho do auge da civilisação de qualquer povo.

O architecto — J. DA SILVA.

A ARCHITECTURA KHMER¹

Ruinas de Angcor Wat no Reino de Cambodge

No centro do antigo Cambodge (Khmer) e perto do *grande lago*, que demora para o lado das fronteiras do reino de Siam, encontra hoje o viajante que se aventurar n'essas inhospitas regiões, quasi cercadas por densas e humidas florestas, as monumentaes ruinas da cidade de Angcor, edificada, segundo as melhores tradições, durante os primeiros seculos da era christã.

Os vestigios da antiga civilisação Khmer, que chegou a estender sobre toda a Indo-China meridional a sua poderosa influencia, revelam-se por um enorme agregado de restos de torres colossaes, de cidadelas, sanctuarios, galerias, palacios, terraços, pontes e estradas, constituindo taes monumentos pela sua grandeza, arrojada architectura, delicadeza de ornamentação, phantasia de desenhos e notavel estado de conservacção, o grupo de ruinas mais interessante de toda a Ásia.

¹ *Khmer*, antigo imperio da Indo-China, entre os reinos de Siam e de Annam, modernamente conhecido pelo nome de Cambodge, hoje sob o protectorado da nação franceza.

O monumento mais importante e o mais bem conservado entre todas as ruínas é o de *Angkor Wat* ou *pagode de Angkor*.

Para se fazer idéa da sua grandeza bastará saber-se que o seu recinto é cercado por fossos de 200^m de largo, e que, tendo a forma quadrilonga, um dos lados mede 1^m,700, medindo o outro 1^m,300. O templo, servido por uma estrada elevada sobre o solo e de 10^m de largo, forma no centro d'aquelle vasto recinto outro quadrilongo com 300^m sobre 250^m.

A elevação da mais alta torre subia a 120^m, estando ainda de pé os seus dois terços.

Em vista da disposição e grandeza das diferentes partes d'este edificio, que, segundo a opinião dos historiadores chinezes e siamezes, era palacio dos reis, sanctuario e ao mesmo tempo necropole; considerando a magestade das suas formas architectonicas, as estatuas gigantescas, as infinitas colmnadas de airosos capiteis, os altos e baixos relevos accentuados pela descripção das guerras dos povos asiaticos, ou pelo vago e phantastico das scenas mythologicas, póde affirmar-se sem temeridade, que a architectura Khmer é uma das mais originaes e das mais poderosas que tem existido.

A harmonia do todo, a elegancia da ornamentação e a distribuição tão clara das partes componentes, faz involuntariamente pensar na classica architectura grega. Ha sómente uma ordem, na verdade, as columnas cylindricas são substituidas por pilares ou columnas de base quadrada, mas as proporções dos entre-columnios, a decoração pura e rica dos capiteis e das bases, a delicadeza de certos arabescos que cobrem as pilastras e os muros, tudo é inspirado pelo mais perfeito gosto.

Os monumentos são immensos, mas não cançam a attenção. Não se veem ali essas enormes massas da architectura egypcia, esses monólithos gigantescos que só produzem espanto e que só exigiram braços.¹

Não se acha mesmo essa acumulação de pedras e essa solidez exagerada que caracteriza a architectura romana. A força n'estes monumentos dissimula-se pela graça, e não obstante as dimensões dos edificios, a idéa da grandeza não desperta a do cançasso.

Se dos perystilos grandes e nobres, se d'essas galeias simples e imponentes que circulam em volta dos monumentos, se elevam as vistas para as abobadas ogivais que os cobrem, para essas immensas torres de muitos andares que corôam as portas e os sanctuarios; se depois de ter admirado as rosaceas, os ovalos, o entrelaçado regular dos ramos das folhas e das flores, se dirige a attenção sobre a multidão ameaçadora dos monstros da mythologia hindou, sobre essas numerosas representações de anjos e de santos em supplica, sobre essas interminaveis cornijas ou remates das par-

tes altas, folheadas geralmente por altos relevos, sentimo-nos immediatamente transportados á nossa idade media occidental. Reconhecem-se os dragões de fauces abertas, de garras compridas e aduncas, de contornos diabolicos; e até a candura das figuras piedosamente ajoelhadas nas nossas velhas cathedraes, encontra tambem nas obras Khmers a mesma expressão ingenua.

Esta dupla inspiração, que liga a arte cambodgiana á architectura grega e á architectura gothica, posto que impotente para igualar uma ou outra, deve talvez fazer classificar as suas producções immediatamente depois das maiores obras do occidente.

Foi entre a religião braminica inveterada n'estes povos e a hesitação da religião boudhista ao tentar ali a sua introdução, que nasceram estas obras primas, que assignalam a época da coexistencia dos dois cultos.

A reunião de obras tão notaveis, sujeitas ao mesmo estylo, exigindo necessariamente, não só um grande periodo para a sua execução, mas tambem o aturado trabalho de artistas e operarios de grande aptidão, devia de certo criar escola, que continuasse a ser seguida pelos povos d'aquella vasta região no decurso dos tempos, a despeito das suas evoluções e da sua successiva decadencia. Devem pois encontrar-se monumentos similares, já coevos, já de data mais recente em toda a India transgangelica, e para confirmar esta supposição podemos citar os restos de alguns monumentos de Ayuthyah, antiga capital do reino de Siam, de que possuímos photographias, e de varios pagodes modernos de Bangkok, que visitámos nas nossas excursões pelos pittorescos arrabaldes da nova capital siameza, que conta apenas um seculo de existencia. Em todos estes monumentos nota-se com effeito o mesmo estylo de elevação pyramidal grandiosa, e a maior afinidade na estatuaria, na decoração, nas abobadas, e em geral no systema de construcção.

Ha sómente 15 annos, que Mr. Barthelemy Saint Hilaire affirmava no *Journal des Savants*, que, á excepção do Birmã, os outros paizes da India transgangelica, Tongkim, Cochinchina, Cambodge, Laos, Pegu, Arakan, mereciam apenas a contemplação da historia.

Entretanto é sabido que as duas primeiras civilizações do mundo na ordem chronologica, a civilização chinesa e a civilização hindou, se encontraram cedo na peninsula que as liga, pois que no Cambodge floresceu um imperio, cuja grandeza se affirmava ainda nos nossos dias por admiraveis vestigios, e no Tongkim formou-se um reino de que os annaes chinezes mencionam a existencia, a partir de vinte seculos antes da nossa era.

O contacto d'estas duas civilizações e das religiões correspondentes devia de certo manifestar-se por obras grandiosas, que transmittindo á pedra e ao bronze o amalgame d'essas civilizações, trouxesse até aos nossos dias os seus poderosos vestigios.

¹ No proximo numero se publicará uma estampa de um d'esses monumentos.

Ha poucos annos todavia eram desconhecidos do occidente essas magnificas ruinas, que constituem o famoso grupo da antiga cidade de Angkor. Foi necessario que uma commissão franceza, presidida pelo capitão de fragata Doudart de Lagrée, e composta de outros illustres officiaes e homens de sciencia, fizesse uma viagem de exploração na Indo-China durante os annos de 1866, 1867 e 1868, e que por ordem do governo da mesma nação se publicassem os seus importantes trabalhos, para que o mundo civilisado tivesse cabal conhecimento das riquezas historicas ainda existentes n'aquellas regiões.

A esplendida edição d'esta obra foi publicada em 1873 em Paris, sob a direcção do illustrado e infeliz tenente Francis Garnier,¹ por ter morrido durante a perigosa exploração o presidente Lagrée, e a esta valiosissima publicação, d'onde fazemos alguns extractos, deve recorrer o leitor que pretender profundar o estudo d'este interessante assumpto.

Para dar uma idéa mais perfeita da architectura Khmer, trataremos de expôr as leis geraes, que parece terem presidido á construcção dos respectivos monumentos, seguindo a mesma ordem adoptada na obra referida.

(Continúa.)

O socio,

VISCONDE DE S. JANUARIO.

EPIGRAPHIA

Inscrições romanas de Leiria e seus arredores

(Concluido de pag. 173 do n.º 11)

As mesmas ruinas, conforme Brito, pertence tambem est'outra, assaz interessante para a historia da localidade. De Brito copiou-a Paiva Manso. Faria e Sousa trat-a em traducção. Actualmente não me consta, que restem signaes d'ella por estes sitios:

11.º

D. M. S.
SET. AN. FORTVNATVS
H. SITVS. E.
OBIIT. IN. OBSIDIONE
COLLIP. ET. Q. CASSIVS
LONG. PATRVELIS
PRAEFVIT. BVST. Q.
AN. FORTVN. FRATER
SIGNIF. COHOR. T
CELTIB. CIN. MOESTVS
SOEPELIVIT
S. T. T. L.

¹ F. Garnier foi morto na primavera da vida pelos insurgentes ananistas, quando em 1874, depois de brilhantes actos de bravura, atacava uma força consideravel, á frente apenas de alguns marinheiros francezes.

Dis Manibus. sacrum. Sextus Annius. Fortunatus. hic. situs. est. obiit. in. obsidione Colliponis. et. Quintus. Cassius Longinus. patruelis praeftit. busto Quintus. Annus. Fortunatus. frater signifer cohortis Celtiberorum. cineres. moestus saepelivit. sit. tibi terra. levis. — Traducção: — Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz sexto Annico Fortunato. Morreu no cerco de Collippo; e Quinto Cassio Longino, seu primo, presidiu á combustão. Quinto Annico Fortunato, seu irmão, alferes d'uma cahorte de Celtiberos, depositou as cinzas no sepulchro com grande tristeza. A terra lhe seja leve.

Na linha 9.ª tanto Brito, como Paiva Manso, trazem CAHOR. T, em duas palavras. É possível, que haja erro, e que na lapide estivesse CAHORT, formando uma só: Faria e Sousa assim é que leu, e a historia, quanto eu sei, não o desmente. Sendo, porém, realmente como aquelles escriptores a dão, o T só se quizer dizer *tertia*; mas não era assim, com a simples inicial do nome de um numero, que os romanos, se a memoria me não atraíçoa, costumavam indical-o.

Brito tambem na penultima linha escreveu SOEPELIVIT, com diphthongo: eu conservei esta lição, por ter exemplos de taes erros, os quaes todavia podem ser attribuidos a ignorancia do artista.

Do conteúdo d'esta inscripção se vê, que a sua data remonta á epocha da guerra civil de Cesar e Pompeu (annos de Roma 701 a 704 antes da era christã 52 a 49); e que, por consequencia, é talvez a mais antiga das de Collippo, até hoje conhecidas. Effectivamente ella está em perfeito accôrdo com o que nos conta Cesar¹, como facilmente pôde reconhecer quem a conferir com a narração do sympathico historiador.

O unico reparo que, a meu ver, se pôde fazer, é o fallar-se n'ella de uma cohorte de Celtiberos, de que era alferes, ou porta-estandarte, Q. Annio Fortunato, irmão do morto; porquanto de Cesar consta² que estes povos, em que lhes pesasse, militavam com Afranio, general de Pompeu; ao passo que os dois Fortunatos, segundo da inscripção se collige, andavam no exercito do seu antagonista; e não menos Q. Cassio Longino, que tomou parte no funeral, e era parente d'elles. D'onde então os Celtiberos? Duas hypotheses me occorrem que, a meu ver, podem resolver a questão. Cesar, comparando as forças dos dois campos, diz do seu, que se compunha de 9:000 auxiliares, e outros tantos gaulezes; n'outro logar nomêa tambem germanos: de hespanhoes não faz especial menção. Comtudo podia ser, que comprehendesse a estes nos 9:000 auxiliares de que fala; da mesma sorte que especifica os germanos, que primeiro não distinguira: esta é a primeira hypothese. A segunda é, que talvez o auctor da inscripção alludisse aos povos da margem esquerda do Ebro, e em particular a uma cohorte de Illurgavone-

¹ Eutrop. VIII. 2.

² *De bello civ.* I. 37 &. e II. 47. &.

zes, que Cesar diz se lhe apresentára,¹ provavelmente quando entrou a manifestar-se o mau caminho que as cousas de Pompeu iam tomando. Pois, com quanto os sobreditos povos não fossem propriamente os celtiberos, porque estes demoravam áquem do Ebro, e não eram muito de crer que andassem no exercito de Cesar — *cujus in barbasis erat nomen obsenrius* ²; — razão porque os generaes de Pompeu desejavam transferir para ahi o theatro da guerra, esperando encontrar lá mais sympathias que o seu temivel contendor: comtudo podia ser que, como os celtiberos eram vizinhos, e dos povos hispanicos d'estes sitios os que mais preponderancia e nomeada tinham; podia ser, digo, que o auctor da inscripção comprehendesse promiscuamente a uns e outros debaixo da denominação de Celtiberos: nem mais nem menos como nós em outro tempo faziamos, quando aos hespanhoes, sem attenção a provincias, nomeavamos por *castelhanos*.

12.^a

M. GRANIVS
VEGETVS. ANN
XXV. H. S. E. S. T. L.
IVLIA. COBESSA
CONIVGI. P. C.

Marcus Granius Vegetus. annorum quinque et viginti. hic situs est. sit terra levis. Julia Cobessa conjug. ponendum curavit. — Traducção: — *Aqui jaz Marco Granio Vegeto, que morreu de idade de 25 annos. Julia Cobessa mandou levantar este padrao á memoria de seu marido.*

Esta inscripção, que tambem se diz fôra achada em Colippo, vem na collecção de Paiva Manso, copiado do manuscripto de Salgado.

É de uma esposa honrando as cinzas de seu marido, ceifado pela morte na flor dos annos. O sobrenome d'ella não parece latino: em suas veias girava sem duvida sangue lusitano.

Não é este o unico titulo, que nos accusa a existencia da familia dos Vegetos em o nosso paiz. O sr. Hübner nos offerece outro com o mesmo *cognomen*, descoberto em Aramenha; onde se teem encontrado extensas ruinas de uma povoação romana, que o abbade João Baptista de Castro³ suppõe ser a antiga Medobriga, ou Muntobriga (como escreve o sabio archeologo de Berlim); a mesma provavelmente, cujos habitantes eram os *Medubricenses* de Plinio⁴.

IX

As tres que se seguem devo-as á obsequiosidade do sr. P. Antonio Ferreira Louro, dignissimo parcho da

¹ Ib. L. I. 38.

² Ib. ib. 60.

³ Mappa de Tort. P. I. 2.

⁴ Hist. IV. 22.

freguezia do Juncal, d'este bispado de Leiria, e homem curiosissimo d'estas cousas. A primeira e a segunda são de S. Sebastião do Freixo, a terceira de Bico-Sachos, logar proximo. O Sr. Louro diz que as viu.

13.^a

ALBONIVS=TA
CILLI PRO. F
=ATVRNINO
MILITANTE
S. V. L.

Em minha humilde opinião, entre a palavra ALBONIVS e a syllaba TA, da primeira linha, falta um O que se apagou; e na segunda é provavel que um F entre CILLI e PRO: digo *provavel*, porque este F (filius) ás vezes se omittia; não sei, se nas inscripções tambem, mas lembro-me, sem fallar nos poetas, que T. Livio escreveu algures *Anibal Gisgonis*. No começo da 3.^a linha perdeu-se evidentemente um S. D'este modo restituida a inscripção vem a dizer: *Albonius, Otacilii filius, profilio Saturnino militante solvit votum libens* — Traducção: — *Albonio, filho de Otacilio, cumpriu de boamente este voto pela felicidade de seu filho Saturnino na guerra.* — Nem obsta ter o filho um *cognomen* e outro o pae: estas differenças provinham não raro, como já mais que uma vez acima toquei, das adopcões, e tambem das arrogações, actos sobejamente praticados entre os romanos. Nem tão pouco admira ser o pae *Albonio* e o avô *Otacilio*, porquanto o primeiro é *cognomen*, e o segundo *nomen*: o que se vê aqui é um indicado pelo *cognomen* e outro pelo *nomen*. O nome inteiro do pae devia ser *T. P. M. & Otacilio Albonio*.

Não é desconhecida esta inscripção. O Sr. Hübner lhe deu logar nas suas *Noticias Archeologicas*, copiando-a, ao que parece, do volume 1.^o do *Archivo Pittoresco*. Não tenho presente este semanario, para verificar; mas tal qual vem na traducção da obra do sr. Hübner, mandada fazer pela Academia Real das Sciencias, apresenta uma differença consideravel da que n'esta memoriasinha offereço á curiosidade dos leitores. Eis aqui como se acha na citada obra: — ALBONIVS||TARGELLI||SATVRNINO||MILITANTE| S. V. I. — Parece-me, que a simples inspecção basta, para que se dê a preferencia á lição do sr. Louro.

Os Otacilios eram uma casa muito illustre, que desempenhou importantissimos cargos na republica. Não se tornaram menos famosos os Saturninos; os Albonios, porém, posto que pareçam latinos, não sei que tenham nome na historia.

14.^a

S. CRESCENTIO
=CLAVDIA. P. C.

No principio da 2.^a linha vê-se um resto de letra, a qual poderia ser um C. N'este caso a inscripção querá dizer: *Servio (?) Crescentio conjug. Claudia. ponendum. curavit.* — Traducção. — *Claudia mandou levantar este padrão á memoria de seu esposo Servio Crescentio.*

Os nomes são romanos puros: comtudo o de *Crescencio* leva-me a conjecturar que a data da inscripção é muito posterior á republica. Com effeito não se encontra elle, que eu saiba, nos tempos mais florescentes de Roma. Por outro lado observa-se, que os nomes proprios de homens, terminados em *ans* e *ens*, e seus derivados, como *Constans, Crescens, Valens, Constantins, Crescentins* etc. e particularmente os em *anus*, de que, se não me engano, havia mais copia, como *Domitianus, Trajanus, Maximianus, Sejanus*, etc., quando entraram a usar-se, ou pelo menos a ter mais voga, foi posteriormente ás primeiras epochas do imperio. Ora a instabilidade, que é apanagio de todas as cousas sublimes, segue tambem os nomes das pessoas, fazendo varial-os com os tempos. D'onde, creio eu, a um espirito investigador não seria difficuloso calcular, com mais ou menos aproximação, a data, ou pelo menos o seculo, de muitos documentos e factos historicos pelo só exame dos nomes de homens que n'elles figuram.

Voltando ao nome de *Crescencio*, acha-se em duas outras inscripções da collecção do sr. Hübner, a 2.^a das quaes suppõe elle ser do tempo de Caracalla. A minha julgo que é inedita.

15.^a

Esta inscripção, a 3.^a das que o sr. P. Louro me mandou, está bastantemente mutilada: creio, que tambem não é vulgar. O italico que preenche as lacunas é meu.

d. M.
Q. F. MARCIAE (?)
a N. XXXIII.
p (?) m (?) ATER. FILIAE
pientissMAE
F. C.

Dis Manibus. Quinti filiae. Marciae. (?) annorum triginta trium. pater (?) mater (?) filiae. pientissimae. faciundum. curavit. — Traducção: — *Consagrado aos deuses Manes. Á memoria de Marcia (?), filha de Quinto, a qual morreu de 33 annos de idade, a sua piedosissima filha, mandou construir este monumento seu pae (?) sua mãe (?).*

Aqui não acho outra cousa a notar, que a collocação das siglas indicatoras da filiação antes do nome a que dizem respeito. Tal collocação não é a ordinaria; a não ser, como é facil de observar em muitas inscripções e nos livros, que o nome da pessoa, a cuja filiação se allude, venha expresso todo, ou ao menos, em duas das suas partes: porque, no primeiro caso, a indicação da filiação fazia-se repetidas vezes entre o *nomen* e o *cognomen*, e no segundo entre as duas partes expressas do nome inteiro do individuo.

X

As duas que se seguem, ainda que não sejam muito das visinhanças de Leiria, não estão comtudo tão remotas, que decididamente se possam dizer alheias ao meu intento: são do castello de Porto de Mós. Foram-me dadas pelo meu estudioso e benevolo amigo, o sr. José Francisco Barreiros Callado, natural d'aquella villa.

16.^a

D. M. S.
C. A. M.
ANN. LXX
CLAUDIVS
IVLIANVS
PAPISSIMO

Dis Manibus sacrum. annorum septuaginta. Claudius Julianus. patri piissimo. — Traducção: *Consagrado aos deuses Manes. Claudio Juliano mandou fazer esta memoria em honra de seu virtuosissimo pae, que morreu de 70 annos de idade.*

Não me parecem faceis de decifrar as siglas da segunda linha: a não haver alguma lacuna, talvez nem exprimam o nome do morto, que o uso prescrevia se pozesse por extenso. Quem sabe, se Claudio Juliano se apartaria d'esta regra para indicar seu pae antes pela doce antonomasia de *amigo* e *piissimo*; vindo d'est'arte a dizer as mencionadas siglas *condidit* ou *curavit amico monumentum*? Mas isto não passa de conjectura, que Deus sabe quão longe estará da verdade.

17.^a

C. SVLPICIO
PHILIO(?)CHII(?)F
MILITI CORTIS
LUSITANORVM
QVI OBIT CVNN(?)
AII IIICVNA . . . (?)

Vi um calco d'esta inscripção, examinei-o detidamente, e cuido poder assegurar que copiei com exactidão. A letra é grosseira, e, segundo se deprehen- de, bastante estragada pelo tempo; o que torna a sua leitura, em parte, muito difficulosa e sempre incerta.

Talvez possa ser d'este modo: — *Caio Sulpicio Pelio* (II por E, como se encontra em outras inscrições ¹), *Caii Pelti filio, militi cohortis Lusitanorum, qui obiit Cunnae* (outra vez II por um E) *tertio calendas junias* ou *in Cunnae* (obsidione) — Tradução: — *A memoria de Caio Sulpicio Pelio, filho de Caio Pelio, soldado da cohorte dos Lusitanos, o qual morreu em . . .*

Mas que terra era esta, *Cunna*, onde Sulpicio morreu? *Hoc opus, hic labor est*. Ainda que a similhaça do nome só por si não seja bastante em materias d'este genero, porque povoações antigas ha que têm hoje bem differente denominação da porque eram conhecidas no tempo dos romanos; contudo seria *Cunha*, no concelho de Guimarães, ou outra das varias terras assim chamadas que ha pelo Minho e Beira Alta? ou *Coina*, na Extremadura; a qual, não obstante João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*, Bento Pereira na *Prosodia latina*, e o sr. Pinho Leal no seu dictionario, dizerem corresponder á *Aequa-Bona* (*Aequa Bona? Aqua Bona?*) dos romanos, teria dois nomes, como ha exemplo de outras povoações haverem tido? ou *Coin*, de Hespanha, na Andaluzia? ou ainda *Clunia*, de que o Sr. Hübner diz ter-se achado menção em uma inscrição de Lisboa, e se julga ser *Coruña del Conde* na Castella Velha? E se alguma d'estas terras é, porque fatalidade, a não suppormos um tumulo honorario, uma estatua, uma columna, viria a lapide ter a um sitio tão apartado do theatro do acontecimento?

XI

Mas de todas as lapides aqui relacionadas a mais notavel e interessante é sem contradicção a que passo a transcrever, e que por esse mesmo motivo reservei para este logar. Tem de comprido, até onde se vê (porque parece não estar descoberto em todo o comprimento) 0^m,85, de largo 0^m,45 e de espessura, segundo o que se pode descobrir, uns 0^m,3. Foi descoberta, ao que parece, casualmente, creio que em 1870, na parede da igreja do castello, onde fôra mettida, ou para encher, ou talvez para se conservar. Estava coberta por uma outra parede de alvenaria, que fizeram encostada á da igreja, que é toda de pedra aparelhada, quer fosse para sustentar o envigamento do côro, o que parece mais provavel, quer para servir de suporte á da igreja, em razão de ser aquelle lado o terreno adjacente mais elevado que o pavimento do sanctuario. A lettra está feita com esmero, e se não fôra a perda de duas apenas, dir-se-hia perfeitamente conservada. Eis o seu teor:

¹ Por exemplo: AVRIILIAH... GALLAH. (Res. obra cit. IV. — Brit. P.II. V. 3.)

18.^a

DIVO. ANTONIN⁼⁼
AVG. PIO. P ♠ P
OPTIMO.AC.SANCTIS
SIMO.OMNIVM.SAEC
LORVM. PRINCIPI
Q.TALOTIVS.Q.F.QVIR.AL
LIVS.SILONIANVS.COL
LIPPONESIS.EVOC.EIVS
CHOR.VI.PRAETORIAE
NOMINE. ORDINIS
COLLPPONENSIVM
QVOD.DECVRIONEM
EVM.REMISSO.HONOR⁼⁼
RIO.ET.MVNERIBVS.ET
ONERIBVS.R.P.FECERIN
DEDICATA.EX.D.D.
XIII K OCTOBR.IMP.CAE
L.AVRELIO.VERO.AVG
III.M.VMIDIO.QVADRATO
COS. IIIVIR.
Q. ALLIO. MAXIMO
G.SVLPICIO SILONIANO

Divo Antonino. Augusto. Pio. patri patriae. optimo. ac. sanctissimo. omnium. saeculorum. principi Quintus Talotius. Quinti. filius. Quirina. Allius. Silonianus. colliponesis. evocatus. ejus. cohortis. sextae. praetoriae. nomine. ordinis colliponensium: quod. decurionem eum. remisso. honorario. et. muneribus. et oneribus. reipublicae. fecerint. Dedicata. ex. decreto. decurionum. tertio. kalendas. octobris. imperatore. Caesare Lucio. Aurelio. Vero. Augusto. tertium. Marco. Umidio. Quadrato. consulibus. desumviris. Quinto, Allio. Maximo. Gaio. Sulpicio Siloniano. — Tradução: — *Ao divino Antonino Augusto Pio, pai da patria, o melhor e mais respeitavel principe de todos os seculos, consagra esta memoria, em nome do senado de Collippo, Quinto Talocio Allio Siloniano, filho de Quinto, da tribu Quirina, cidadão colliponense, seu veterano ¹ da 6.^a cohorte pretoriana, por o terem feito decurião com despesa do honorario e das funcções e encargos publicos. Dedicada, mediante decreto dos decuriões, aos 29 dias de setembro, sendo consules o imperador e Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, pela 5.^a vez,*

¹ O termo *veterano* não corresponde exactamente ao *evocatus* latino, mas foi o que mais aproximado me pareceu.

e Marco Umidio Quadrato, e desunviros Quinto Allio Maximo e Gaio Sulpicio Siloniano.

Segundo a opinião do Sr. Mommsen, allegada pelo Sr. Hübner,¹ a quem foi presente uma copia d'esta inscripção, ella é dedicada ao imperador Marco Antonino o Pio, fallecido havia 6 annos. O dedicador, Quinto Talocio Allio Siloniano, cidadão de Collippo, que tinha sido *evocatus* d'aquelle principe, afim de perpetuar a honra que de seus com-municipes recebêra, de o elegerem decurião. O dia escolhido para a solemnidade, o anniversario natalicio do mesmo imperador.

Tal é em summa, a explicação apresentada pelo erudito archeologo. Comtudo, como este meu escripto não passa de um entretenimento, permittir-se-me-ha que, com a liberdade e lhaneza, que é propria de taes produções, eu exponha tambem aqui o que havia pensado antes d'essa explicação chegar ao meu conhecimento.

Supponho eu, que o principe, a quem a memoria é consagrada, era Marco Aurelio o Philosopho; não só, porque tambem tinha o cognome de *Antonino*, em razão de haver sido adoptado pelo Pio, mas egualmente, porque era o imperante na epocha em que foi feita a inscripção. Os qualificados de — *optimo ac sanctissimo* — não deixavam de assentar a um homem, de quem Entropio diz: *quem mirari facilius quis, quam laudare, possit... Nom solum vitae moribus, sed etiam eruditione philosophus: tantae admirationis adhuc juvenis, ut eum successorem paraverit Hadrianus relinquere.*² Porém o cognome de *Pio* é que eu com effeito não achei, até hoje, que elle tivesse usado em vida, nem depois da morte lhe tivessem dado; posto que para isso lhe não faltasse direito, me parece, em consequencia do acto legal que o ligava áquelle principe. Mas poder-se-hia dar a um vivo o titulo de *divius*? Racionalmente creio que não; porque este titulo seguia a apothese, a qual se fazia depois da morte. Comtudo diz-se que o senado o decretou, em vida, ao imperador Augusto; e, posto que elle nunca consentisse que, na cidade, se lhe levantassem templos,³ os poetas queimavam-lhe incenso,⁴ e não consta que se escandalisasse. Nas provincias tributavam-se honras divinas áquem do tumulo, não só aos imperadores, ainda os mais viciosos, mas até aos simples proconsules.⁵

Depois imaginára, que quem tinha sido feito decurião fôra o proprio imperador, dispensando-se-lhe o honorario (especie de direitos de mercê), e o exercicio e onus do cargo, como não podia deixar de ser; e que o portador d'esta participação para o imperador, ou antes o encarregado, como hoje me parece melhor,

de fazer a dedicação por parte do senado de Collippo (*nomine ordinis Collipponensium*), havia sido Q. Talocio Allio Siloniano. Finalmente, que para constar a honra que o principe fizera ao municipio acceitando a eleição, o mesmo senado mandára insculpir aquella memoria, ou fosse na base de uma columna, ou no pedestal de uma estatua, ou ainda em simples lapide embutida nas paredes da basilica.

O que me levou a fazer de Q. Talocio esta idéa, foi a expressão (*nomine ordinis Collipponensium*). Não podia comprehender, como um particular, tendo recebido de seus concidadãos certa honra, consignasse essa honra n'um monumento *em nome do governo da sua terra*, como se fosse este o agraciado; e ainda mais, que em vez de consagrar esse monumento áquelles que lhe tinham feito o beneficio, como o bom senso parecia pedir, o dedicasse ao imperador, que, além de já ser morto, nada tivera, nem legalmente podia ter, com a eleição dos funcionarios municipaes.

O facto de ser eleito para decurião o imperador, não offerecera ao meu espirito grande duvida: tinha lido, que nas colonias e municipios ás vezes se fazia isto, quanto ao cargo de desunviro; e parecêra-me, que o que se practicava com a eleição d'esta magistratura, se poderia egualmente praticar sem estranheza com respeito ao decuriato. Actualmente, tendo meditado de novo sobre a questão, já assim não penso. Tenho para mim, que o que se fazia nas provincias debaixo d'este ponto de vista, não era mais que a imitação do que em Roma se usava. Nas provincias os dois desunviros representavam os dois consules de Roma, e os decuriões os senadores. Ora em Roma um dos consules era, por politica, quasi sempre o imperante; e não consta, que eu saiba, ter um imperador romano sido jámais nomeado senador: importaria uma offensa assumil-o para um logar que a certos respeito, tinha superior no consul. A similhança d'isto, nos municipios, para um dos desunviros era ás vezes escolhido o imperador, ou algum outro personagem dos mais illustres da corte; mas não se ousaria votar n'elle para decurião, tornando-o inferior e subordinado aos desunviros.

Finalmente, para descargo de consciencia, cumpreme declarar, que a opinião de que as palavras *Q. Talotius Allius Silonianus*, designam um só individuo, tenho-a depois que vi a explicação apresentada pelo Sr. Hübner. Antes d'isso suppunha eu, que os individuos eram dois, um chamado Q. Talocio, da tribu Quirina, e o outro, Allio Siloniano, cidadão de Collippo. Fundava-me na disposição dos nomes parciaes que formam o nome total do individuo, vendo figurar de *cognomen* o que os exemplos de Q. Allio Maximo, n'esta mesma inscripção, e de C. Allio Fusciano, que foi consul em 188, me offereciam como sendo *nomen*. De mais, tinha observado, que os romanos não costumavam confundir estes dois elementos; salvo, ás vezes, os historiadores, e quicá os oradores, quando, para satisfazer

¹ *Additamenta ad corpus inscriptionum latinarum*, vol. 2.^o

² L. VIII 6.

³ Suet. *In Oct.* 52.

⁴ Virg. *Eclog.* 1. — George. I. 24, &. — Hor. *Od.* I. 2.^a e IV. 4.^a (ed. de Juvenio) — *Epist.* II. 1.^a 16, &. — Ovid. *Epist.* ex *Ponto*, I. 4. e III. 4.

⁵ Suet. loco cit.

ao ouvido, lhes trocavam os logares, dizendo, v. g. *Spinther Lentulus* por *L. Spinther*,¹ *Macer Licinius* por *L. Macer*,² etc. Agora porém, sobre a auctoridade que folgo de reconhecer no douto professor de Berlim, uma outra circumstancia me leva a preferir a sua interpretação: é a designação da tribu, feita uma só vez e no logar que de estylo lhe pertence, depois da indicação da filiação. Se elles fossem dois, como todo subdito romano devia estar comprehendido em alguma tribu, ou a designação d'esta se havia de achar tambem (e naturalmente a da filiação do homem) depois da palavra *Silonianus*, ou, se fossem ambos da mesma tribu, feita, por ventura, uma só vez e n'este logar.

Hoje, de accôrdo com o Sr. Hübner n'esta parte, nem por isso deixarei de notar, que na outra, em que faz alguns reparos sobre o teor da inscripção, não foi tão feliz. Em primeiro logar parece-lhe a elle que a palavra *Talotius* da 6.^a linha está errada, e que deve talvez ler-se antes *Tarquius*, que é nome que se encontra em outra incripção de Lisboa. Posso affirmar, porque vi, que o que está no marmore de Leiria é TALOTIVS, com tanta clareza gravado, que não deixa logar a outra leitura. O mesmo digo de *Vmidio* na 19.^a linha: não duvido, que se devesse escrever com *m* dobrado (*Vmmidio*); mas no marmore d'aquelle modo é que está: n'este ponto a cópia que o Sr. Hübner viu, está exacta.

Tambem nem no fim da 4.^a linha, nem no da 15.^a, nem no da 17.^a falta letra alguma, como suppõe. O que lá existe, sem haver logar para mais, é no fim da 4.^a, SAEC, e no começo da seguinte LORVM. Podia ser descuido do canteiro; mas tambem nada obsta, creio eu, a que se attribua ao proposito de encurtar as palavras, que se observa constantemente nas inscripções lapidares: nos poetas é mui frequente identica elisão entre *c* e *l*, n'esta e n'outras palavras analogas, Na 15.^a está FECERIN nem mais nem menos, e a seguinte começa pela palavra DEDICATA; d'onde se vê que nem para lá passou o T cuja falta se nota n'aquella calavra. E assim na 17.^a: o que ahi se vê é CAE uniamente; nem a pedra está quebrada, como o sabio archeologo conjectura. As unicas letras que faltam, ou antes, se não percebem, por causa da argamassa que lhes ficou pegada da parede adjuncta, quasi tão rija como o proprio marmore, são um O e um A no fim da 1.^a e da 13.^a linhas, e algum tanto o C inicial da palavra CHOR da 9.^a

Finalmente parece que na sobredita copia, linhas 7.^a e 8.^a, ia COLLIPONENSIS. Não é assim: na pedra está COLLIPPONENSIS. É provavel todavia, em attenção ao modo porque a mesma palavra se acha escripta na linha 11.^a, que a falta de um N que se observa na primeira, seja aqui devida a incuria do official, e não á

razão que acima aponteí tratando da inscripção de Laberia Galla.

Nos tratamentos de *imperador*, *cesar*, *augusto*, dados a L. Aurelio Vero, vai a inscripção de accôrdo com a historia. Eutropio diz,¹ que foi esta a primeira vez que se viram em Roma dois imperadores ao mesmo tempo regendo o estado com poder igual.

O *cognomen* de *Quadratus*, porque é conhecido um dos consules nomeados na inscripção, data dos tempos da republica. Hircio² exalta o valor de C. Voluseno Quadrato, commandante de um corpo de cavallaria na guerra das Gallias. Tacito³ faz menção de um governador da Syria sob Claudio e Nero, do mesmo appellido; o qual se encontra tambem em algumas das inscripções colleccionadas pelo Sr. Hübner.

Esta inscripção, além do seu valor archeologico e epigraphico, tem ainda o merito de poderem por ella corrigir-se as duas tabuas consulares de Feller⁴ e Dezobry et Bachelet.⁵ O primeiro traz *T. Numidius* em vez de *M. Vmidius* ou *Vmmidius*; os segundos, indo, como elles mesmos declaram, após de Pighio, com algumas rectificações de archeologos modernos, não só reproduzem o mesmo erro, mas acrescentam outro novo, que Feller evitára; isto é, que L. Aurelio Vero era consul pela segunda vez no anno em que teve por collega a Vmmidio Quadrato. A inscripção, justificando a Feller, diz que este consulado era o terceiro na pessoa de Aurelio Vero.

O consulado d'estes dois personagens caiu no anno de Roma 919 segundo Dezobry, 920 segundo Feller; o quinta ou sexto do reinado de M. Aurelio e L. Aurelio Vero; o 167.^o da era christã data da inscripção.

Eis ahi as inscripções romanas de Leiria e seus arredores, de que tenho noticia, e sobre as quaes, não obstante a minha insufficiencia, me propuz dizer alguma cousa, que meu gosto por este curioso estudo me suggerisse. É quasi certo, que outras muitas, sem fallar de preciosidades de outro genero, como estatuas, vasos, mosaicos, etc.,⁶ que tanto estavam na paixão d'aquelle povo celebre, e com que seria facil enriquecer os nossos museus archeologicos e auxiliar o estudo das artes, existem ainda solterradas não só nos bellos sitios da minha querida patria, mas tambem por todo esse Portugal. Bem podera, me parece a mim, sem quebra nem da instrucção, nem, certamente, da justiça e da moralidade publica, no orçamento do estado deduzir-se todos os annos das verbas destinadas a subsidio de theatros uma pequena quantia, ao menos, para esta classe de investigações. Ouso assegurar, que, se tal se fizesse, não haveria a temer censuras de nin-

¹ L. VIII. 5.

² De bell. gall. VIII. 48.

³ Ann. XII. 45. &.

⁴ Dictionn. historique ou biographie universelle, etc.

⁵ Dictionn. général de biographie et d'histoire.

⁶ Vej. o n.º 2 do Boletim.

¹ Caes. De bell. civ. III. 83.

² T. Liv. IV. 20, et alibi.

guem, a não ser, talvez, dos *dilettanti* de Lisboa ou Porto em alguma hora de mau humor.

O socio correspondente,

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO

(Continuado do n.º 10, pag. 156)

Apontamentos ácerca da cal (protoxido de calcio)

3.º

Depois da agua, onde tambem a cal existe, não ha corpo mais abundante na natureza, tanto no centró, como á superficie da terra, por isso que fórma montanhas inteiras, taes como os Pyrinêos, o Jura, os Vosges, os Appeninos, uma grande parte dos Alpes, etc.

Além d'isso existe em todos os vegetaes, constitue o involucro do ovo, fórma a casca das ostras, as conchas e o coral; os ossos animaes tambem a contém representada em phosphato de cal.

As innumeraveis fórmas por que se nos apresenta a cal e os immensos usos que d'ella se faz, tornam aquelle corpo o mais util e o mais necessario á humanidade: todas as artes e sciencias dependem d'elle, directa ou indirectamente.

O carbonato de cal é por consequencia o sal basico da natureza, nos seus tres reinos — animal, mineral e vegetal.

Um auctor chimico descreveu 154 variedades de carbonato de cal crystalisado, calculou que póde haver muitos mais, e que todas essas fórmas de crystalisações derivam da fórma *rhomboidal obtusa*.

Entre essas crystalisações ha uma que se chama *spath de Islandia* que é incolor e transparente, a qual apresenta o phenomeno de dupla transparencia, isto é, quando um objecto é visto atravez do *spath*, representam-se dois.

O *carbonato de cal* apresenta-se umas vezes com apparencia de chrysalisação luminosa, outras em massas compactas, sem idéa alguma de crystalisação. O 1.º genero constitue os marmores brancos ou de côres. O marmore branco é conhecido pelo nome de *marmore estatuário*, do qual o merito principal é sem duvida ser bem branco e translucido, e é por isso que o mais estimado é o de *Carrara* actualmente; comquanto o mais antigo que se conhece seja o de *Paros*.

Em Portugal ha marmores em varias partes e diversas côres, cujas qualidades pertencem tanto ao 1.º como ao 2.º genero; todós elles servem ás construcções e decorações dos edificios.

Os marmores ordinariamente são conhecidos pelos nomes das terras da sua procedencia, como de Paros, de Carrara, de Cintra, Mafra, Extremoz, etc.; ha alguns que se distinguem pelas côres ou qualidades¹.

A sciencia não chama marmores senão as pedras que são susceptíveis de polido, que produzem effervescencia com os acidos, e que têm a propriedade de se reduzir a cal viva pela calcinação.

As pedras nas artes respectivas têm diversos nomes e classificações.

O calcario grosseiro e molar, que não é considerado marmore, chama-se pedra de construcção ou edificação, e é esse que fórma o 2.º genero; as diversas qualidades são denominadas indistinctamente *pedra de alvenaria*; encontram-se de varias côres, e é um genero de carbonato de cal de muito merecimento pela sua grande utilidade. A sua textura é fraca, tem commumente uma granulação grosseira, é facil de partir e incapaz de se polir, não faz effervescencia com os acidos, e as suas côres são como sujas e sem brilho.

A pedra de construcção não se encontra em todos os paizes, nem mesmo em todos os logares. Ha rija e mollar, o que nas artes se conhece por diversos nomes, e pelos quaes tambem se indicam as diversas applicações em que se emprega. Ha pedra secca e humida, a solidez das edificações depende essencialmente d'essas circumstancias, nas pedras denominadas de *fiada*, isto é, de serem humidas ou não, por isso que a secca repelle o chamado *aviamento*.

Já se vê quanto será importante conhecer essa propriedade, circumstancia que occupou a intelligencia de Mr. Colbert, e que foi resolvida em 1820 por Mr. Brard, indicando o meio certo de conhecer aquella propriedade pelo seguinte modo.

Expõe-se a pedra que se quer ensaiar á accção de uma dissolução de sulphato de soda bem saturada, na qual se ferve por meia hora; suspende-se depois sobre o vaso em que se fez a fervura por espaço de 24 horas; passado esse tempo sacodem-se para o vaso as agulhas (crystaes) que se formaram sobre a pedra, banhando-a depois no liquido, operação que se repete por espaço de 5 dias consecutivos; examina-se depois o liquido, e se elle não contiver particula alguma de pedra, nem a pedra ensaiada tiver perdido a viveza das suas arestas, são essas as provas de que a pedra é secca, e ao contrario será humida, quando no liquido se encontrarem fragmentos da pedra ou sedimentos terrosos, e a pedra tenha perdido a viveza das arestas, com apparencia de esbroamento.

Foi esta descoberta um grande serviço que Mr Brard prestou em beneficio da solidez das construcções, comquanto os artistas na sua practica obtenham um tal ou qual conhecimento d'aquellas propriedades.

¹ Para se concertarem as obras de marmore e mesmo outras pedras, faz-se um betume composto de marmore em pó, gomma lac ou resina, azeite e cera, que se applica com auxilio de calor.

Comtudo melhor é que a sciencia se incumba de dirigir a pratica com segurança.

(Continúa.)

O Socio,

F. J. DE ALMEIDA.

Noticia dos nomes e das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações.

(Continuado do n.º 11, pag. 173.)

- Francez* — Chat, architecto da Escola das artes e industria em Paris — 1869.
- Belga* — Chasteau (C.), architecto em Antuerpia — 1337.
- Belga* — Chasteau (N.), architecto — 1625.
- Francez* — Chenautais, restaurou o palacio de Justiça em Nantes — 1853.
- Grego* — Chersiphron, construiu o Templo d'Artemisa em Epheso — XVI ant. J. C.
- Italiano* — Chiaveri, architecto da igreja catholica de Dresde — 1786.
- Italiano* — Chimanti Camica de Florença, architecto do rei da Hungria — 1470.
- Allemao* — Christoph, architecto de Lumbourg em Wittstoch — 1512.
- Allemao* — Christofan de Fribourg, concorreu para a construcção da cathedral de Milão — 1042.
- Allemao* — Christoffel, architecto em Bolzen — 1501.
- Inglez* — Christophe Wren, architecto de S. Paulo em Londres — XVII seculo.
- Francez* — Claes, architecto do Hôtel de Ville de Bruges — 1401.
- Francez* — Claude Perrault, architecto da columnata do Louvre, Paris — 1688.
- Allemao* — Claws de Bruce, architecto em Colonia — 1445.
- Allemao* — Claus de Solve, architecto em Strasbourg — 1400.
- Inglez* — Clutton (H.), construiu o grande collegio de S. Francisco Xavier em Liverpool — 1875.
- Belga* — Cluysenaer (J. P.), architecto em Bruxellas, construiu o palacio de S. Huberto, e outros edificios — 1861.
- Belga* — Cobergher, architecto em Antuerpia — 1635.
- Belga* — Colart, architecto em Namur — 1395.
- Belga* — Colmige, architecto em Mons — 1507.
- Francez* — Comte exerceu a architectura em Valença (Hespanha) — 1482.
- Allemao* — Conrad, architecto em Colonia — 1316.
- Italiano* — Contucci, construiu bellos palacios em Lisboa — 1526.

- Francez* — Constant (Defeux), architecto da Camara dos Pares de Paris — 1872.
- Portuguez* — Cordeiro (João) construiu o palacio real de Cintra — 1486.
- Allemao* — Cornelius, architecto em Münster — 1375.
- Portuguez* — Correia (Manoel), architecto da igreja de Santa Engracia — 1821.
- Italiano* — Cosmati, architecto de XII seculo.
- Grego* — Cossulus, architecto que concluiu o templo de Jupiter em Athenas no segundo seculo ant. de J. C.
- Francez* — Costand, architecto do palacio de Neuilly — 1740.
- Portuguez* — Costa (José Sequeira), professor substituto da Academia das Bellas Artes de Lisboa, construiu o quartel dos marinheiros, e foi o primeiro secretario da Associação dos Architectos Civis portuguezes — 1872.
- Portuguez* — Costa (Manoel da) architecto do palacio real de Salvaterra — 1690.
- Portuguez* — Costa e Silva (José), architecto do theatro de S. Carlos em Lisboa — 1793, e do hospital dos invalidos de Runa — 1802. M. 1819.
- Francez* — Cotte (Roberto), architecto, concluiu a igreja de S. Roque em Paris — 1633.
- Portuguez* — Couto (Matheus de), architecto dos edificios das Inspecções de Portugal e da India — 1634.
- Francez* — Coutant d'Ivry, um dos architectos da igreja da Magdalena em Paris — 1764.
- Francez* — Crépinet, architecto, restaurou o Hôtel de Ville de Paris — 1861.
- Belga* — Craene (Alexandre de), architecto distincto — 1821.
- Italiano* — Croce, architecto, construiu a Casa de Correccão em Milão — 1824.
- Italiano* — Cronaca, architecto em Florença — 1500.
- Hespanhol* — Cumplido, architecto em Aragão — 1540.
- Portuguez* — Cunha (Caetano), architecto do theatro do Bairro-Alto — 1783.

(Continúa.)

Architecto — J. DA SILVA.

TRADUCÇÃO D'UMA INSCRIPÇÃO ARABE

Consultando o sabio epigraphista o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, a respeito da inscripção arabe publicada em o n.º antecedente do *Boletim*, pag. 174, aquelle erudito e estimavel cavalheiro fez-nos a honra de endereçar uma carta que se acha inserta em dois numeros da revista hespanhola de *Archivos, Bibliothecas e Museos*, do mez de Outubro d'este anno, na qual carta, com a sua reconhecida proficiencia, nos dá explicação

da epocha da inscripção e da importancia de Mertola, pois no seculo vi da Hegira (xii da era J. C.) fazia parte do reino de Sevilha durante o governo dos Abbades em que gozaram do maior esplendor, que podia ser repartido por suas provincias ou *koras*, em que Mertola tambem entrava. O sr. Amador de los Rios não só traduziu a inscripção, mas comparou-a com outra, descoberta em *Améria*, onde em Hespanha se encontram felizmente vestigios, como em Toledo, que foram poupados ás hordas vandalicas de Filippe II, em cujo governo ficaram destruidas quasi todas as inscripções musulmanas. A lapide de *Améria* está tambem dentro de uma arcada e em fôrma de quadro com impostas ornadas; os caracteres são cuficos, como os que n'aquelle seculo eram usados na Africa.

A pedra encontrada em Portugal, embora reduzida a fragmento, respeita todavia ao monumento sepulchral, mas em que só falta a indicação da pessoa finada, como nos affirma e referido senhor.

Damos em seguida a traducção do douto archeologo, no idioma hespanhol, assim como a copia da dita inscripção, aproveitando a oportunidade para reiterar os nossos agradecimentos ao obsequiador e illustre estrangeiro e manifestar-lhe a nossa crescente admiração pelos progressos nos estudos arabes e epigraphicos, e pelo alcance de sua illustrada intelligencia e judiciosas investigações.

J. DA SILVA.

له ارسله بالهدى ودين
 بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ
 وصلى الله على محمد وآله
 يا أيها
 الناس ان يؤد الله
 حق فلا يغترنكم الحياة
 الدنيا ولا تغترنكم بالله
 الغرور هذا قبر.....

 توفي رحمه الله.....

 وهو تشهدا ان لا اله الا الله وحده لا شريك له

A. — Tabla horizontal sobre la clave del arco, en la cual dá comienzo la inscripcion.

B. — Incripcion del vano del arco.

c, c', c''. — Orla ó *arrabaâ*, en la cual prosigue y termina la inscripcion.

La traduccion en lengua española dice: A. — *En el nombre de Alláh, el Clemente, el Misericordioso: la bendicion de Alláh sea sobre Mahoma y los suyos.*

B. — *Oh hombres! Creed que las promesas de Alláh son ciertas, y no os dejeis seducir por los placeres mundanos, ni os aparteis de Alláh por las falacias de la carne! Este es el sepulcro de..... murió, compadézcase de él Alláh..... y confesó que no hay más Dios que Alláh único, para quien no*

c. — *existe compañero, y que Mahoma es su siervo y su le...*

c'. — *... gado. Envíole con la direccion y ley*

c''. — *verdadera, á fin de que la ensalzase sobre todas las religiones, á despecho de los infieles.*

Madrid 2 de Octubre de 1876.

RODRIGO AMADOR DE LOS RIOS.

CHRONICA

Na exposição universal da Philadelphia obteve a real associação dos architectos mais outra medalha pelo progresso na publicação. É a terceira vez que recebe, n'esses certamens industriaes e artisticos, a que tem concorrido, tão subida distincção, como lhe fôra conferida nas exposições do Porto em 1856 e de Paris em 1867.

* * *

No jornal n.º 8:726 da *Epoca de Madrid*, se faz uma apreciação dos premios das medalhas, que foram concedidos aos nossos tres dignos consocios pelos seus importantes serviços prestados em architectura e na archeologia do paiz; elogiando-se a Associação por curar dos progressos d'esses estudos, tão necessarios para a avaliação dos monumentos e investigação das antiguidades nacionaes, afim de acompanharmos os estudos anthropologicos e de archeologia, que se fazem presentemente em todas as nações civilisadas. Quando em um paiz illustrado, como é a Hespanha, se louvam taes esforços em Portugal, não devemos desconhecer o alcance d'elles, e confessemos-nos muito reconhecidos á benevolencia da imprensa da nação visinha.

* * *

Os operarios que empregam nas obras os tijólos da qualidade ferro-silicosos, molhando-os para os assentar, são obrigados a *calçar luvas* ¹ na mão esquerda, para evitarem que a mão lhes fique em carne viva, por causa do contacto com aquelle material.

Não é uso novo dar luvas aos operarios para trabalharem com mais rapidez e pouparem a cutis; já no seculo xii os canteiros não podiam trabalhar sem luvas, e quando o imperador Carlos Magno mandou edificar a celebre igreja de Aix-la-Chapelle, deu ordem

¹ São feitas com o coiro de boi.

para que comprassem 5:000 pares de luvas para os operarios empregados n'aquella fabrica. Era costume então ficar a cargo dos proprietarios o fornecerem-lhes as luvas por conta d'elles. Hoje se se obrigassem os operarios a trabalhar com a mão coberta, poucos ou nenhuns fariam obra capaz e com rapidez; e mal suppunham elles, que dariam depois essa moda á classe elevada e elegante.

Havendo recebido uma carta do insigne archeologo romano o Ex.^{mo} conde de Conestabile, em um periodo que se refere á descoberta da Necropole romana feita em Alcacer do Sal ¹, se expressa pelo modo seguinte:

«C'est très-curieux de rencontrer un vase peint de «la serie greco-italique dans une découverte du Portugal. Je crois que cela arrive pour la première fois «et doit attirer vraiment l'attention des archéologues «à cause de la propagation commerciale de ces monuments ceramographiques vers un pays auquel on «ne pensait pas du tout, etc.»

Foi annunciada na *Revista Bibliographica Universal* de Paris no mez de Outubro, a publicação do nosso *Boletim*, entre os 84 summarios de publicações periodicas de diferentes nações, que mensalmente, aquella Revista registra. É assim hoje conhecido nas diversas nações que em Portugal ha um jornal de architectura e de archeologia.

A assembléa geral da nossa real Associação, na sua sessão de 6 de Dezembro, votou por unanimidade a proposta do socio fundador Possidonio da Silva, para que fosse conferida uma medalha de prata ao distincto architecto o sr. conselheiro João Maria Feijó pela sua memoria scientifica sobre a construcção das abobadas ogivais do edificio monumental de Alcobaça, na qual comprovava ter sido feito primeiro em Portugal aquelle ensaio.

Altura dos principaes monumentos do mundo

A pyramide mais alta, a de Chesps, mede 146 metros.
A mais alta cathedral, a de Strasbourg, 142 metros.
O zimbório de S. Pedro em Roma, 138 metros.
A cathedral de Amiens, 134 metros.
A pyramide de Chéphem, 133 metros.
A cathedral de Chartres, 122 metros.
O zimbório de S. Paulo de Londres, 110 metros; o de Milão, 109 metros; a Casa da Câmara de Bruxellas, 108 metros; a torre das Arinelli (Bolonha, Italia) tem 107 metros; o zimbório dos Invalidos, em Paris,

¹ Vejam-se os n.ºs 6 e 9 do Boletim, em que demos noticia e publicámos uma estampa em lithochromia, e uma photographia com a mascara.

105 metros; o pantheão de Paris, 94 metros; a cathedral de Paris 68 metros, igual altura das torres de Mafra; Santa Sophia de Constantinopla, 58 metros; a torre inclinada de Pisa, 57 metros; o arco do triumpho de Paris, 44 metros; o pantheão de Agrippa, 43 metros; a torre dos Clerigos do Porto, 35 metros; o observatorio de Paris, 27 metros.

Novo systema da collocação dos pára-raios estabelecidos pelo architecto russo o sr. Solzloff

O pára-raios compõe-se de cinco grandes hasteas, reunidas entre si por um conductor metalico, que estabelece a sua communicação com a terra. A hastea é composta: 1.º, de um tubo de ferro com 10^m,79 de altura e 0^m,07 de grossura na base, vae diminuindo gradualmente para a extremidade, onde não tem mais do que 0^m,028 de grossura; 2.º de outra hastea de cobre tendo 0^m,92 de altura, que fica aparafusada na primeira hastea, e que acaba por uma agulha de platina, junta a uma pequena virola de cobre.

A junção do para-raios com a terra obtem-se da maneira seguinte: a parte do para-raios que entra no solo é de cobre; o para-raios introduz-se primeiramente em um tubo de ferro coado, o qual entra em outro tubo tambem de ferro. Este segundo tubo é mais grosso do que o primeiro, e guarnecido de rodellas, afim de ter uma maior superficie e obter por conseguinte maior contacto com a terra.

O para-raios termina em um terceiro tubo de ferro mettido no precedente, e crivado de buracos circulares para que a agua o penetre, ficando a extremidade do para-raios constantemente mergulhada.

As experiencias feitas com um galvanometro deram os melhores resultados d'este novo modo de se collocarem os conductores da electricidade sobre os edificios.

Recebemos do nosso confrade Mr. Ernesto Bosc, uma curiosissima memoria em que expõe um systema para purificar o ar respiravel das grandes cidades, estabelecendo-se ramaes de encanamentos que receberiam o ar puro do centro das florestas; posto que a despeza fosse excessiva para se conseguir tão benefico resultado para a hygiene publica, não deveria com tudo impedir isso que se experimentasse para resguardar a existencia de milhares de habitantes accumulados nas grandes cidades.

J. DA SILVA.

ERRATAS

N.º 7, pag. 103, col. 2.ª, lin. 19 — barreira.
N.º 10 > 155 > > 24 — barreira.
> 156 > 1.ª > 34 — onde se lê compravam, leia-se comprovam.
> > > > 21 — onde se lê Egnacia, leia-se Ignacia.
> > > > 38 — onde se lê veiu ainda sem effeito, leia-se veiu ainda a ficar tudo sem effeito.